

ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA SURDOS POR MEIO DE GÊNEROS TEXTUAIS: UMA ABORDAGEM SOBRE GÊNEROS EM LIBRAS

Cleuzilaine Vieira da SILVA

UFSJ- Universidade Federal de São João Del Rei

cleuzilaine@ufsjs.edu.br

Resumo

No Brasil, os estudos linguísticos dos sinais ainda são recentes. Os surdos brasileiros produzem fábulas sinalizadas, assim como outros tipos de gêneros textuais em Libras. O reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais- LIBRAS como oficial dos surdos brasileiros, impulsionou a inclusão de surdos no ensino regular e também propiciou o reconhecimento da cultura e identidade dos surdos. Nesse sentido, as pesquisas quanto às produções em linguística acerca da Libras são poucas, justificando a importância do presente trabalho, na busca de evidenciar elementos culturais da comunidade surda brasileira. O tipo de leitura, análise e produção por pessoas surdas é voltada para prática social de linguagem, ligada a sua cultura, história e ideologia. Para registro dos textos produzidos por surdos, as mídias visuais, as redes sociais e os sites de armazenamento de vídeos tem sido o principal veículo de divulgação de textos sinalizados por surdos. O ensino de língua portuguesa por meio de gêneros textuais, possibilita uma nova visão sobre o sujeito surdo, sua cultura e identidade. Sendo assim, reconhecer os surdos pelas suas potencialidade linguísticas é um dos objetivos deste trabalho.

Palavras- chave: Ensino de Língua Portuguesa; Cultura Surda; Libras; Gêneros Textuais.

1.Introdução

A surdez tem sido um fator inquietante na sociedade ouvinte muitas vezes do ponto de vista terapêutico, talvez por se constituir uma diferença e ser motivo do silêncio quanto a língua oral entre a maioria dos surdos ou mesmo por ter como recurso uma língua gesto - visual com aspectos lingüísticos diversificados na comunidade surda . A qual foi estigmatizada durante anos por causa da surdez, que na idade média, por ser considerada uma doença, também era tida como um castigo no âmbito religioso.

Com uso dos gestos, um novo desafio começou a surgir para a comunidade surda: demonstrar que através dos gestos era possível se comunicar, estabelecendo um sistema linguístico diversificado. No Brasil, os estudos lingüísticos dos sinais ainda são recentes. A Língua de Sinais Brasileira (LIBRAS ou LIBRAS) foi oficializada a partir da Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002 e posteriormente com o decreto 5.626 de 22 dezembro de 2005, que dá outras providências quanto ao uso e ensino da língua de sinais, a formação dos intérpretes de LIBRAS e institui o ensino de língua portuguesa como segunda língua. No entanto, as

pesquisas quanto ao ensino de língua portuguesa por meio da Libras ainda são poucas, justificando a importância do presente trabalho, na busca de evidenciar a LIBRAS como ponto de partida para as metodologias que desencadeiam o ensino de língua portuguesa para surdos.

A proposta se concretiza na investigação sobre a articulação dos sinais na produção textual dos surdos brasileiros com os textos de língua portuguesa, propondo uma relação da língua de origem (Língua Portuguesa) com a língua alvo (LIBRAS), por meio de um estudo sobre as diferenças e semelhanças entre as duas línguas com auxílio de gêneros textuais. Deste modo, a análise realizada foi através da análise de vídeos de fábulas produzidas em LIBRAS pelos atores surdos Rimar Ramalho Segala e Sueli Ramalho Segala, fundadores da Companhia de Teatro, “Arte & Silêncio”. Por se tratar de uma língua gesto visual, os estudos de gêneros textuais em língua de sinais são quase inexistentes, já que a forma de registro mais conhecida se dá por meio de vídeos, enquanto nas línguas orais se dão por registros escritos.

2. Aspectos linguísticos da Língua Portuguesa e da LIBRAS

Buscando um maior entendimento sobre o assunto apresentado, são necessárias algumas definições. Para Saussure (1991), a língua é um sistema abstrato de regras gramaticais, ou seja, é um conjunto de regras que identificam sua estrutura nos diversos planos (sons, estrutura, formação e classes de palavras, estrutura, frases, semântica, contextualização e uso). Logo, as línguas podem ser orais auditivas ou espaço-visual (gestual-visual).

A linguagem utilizada para se comunicar depende das especificidades individuais de cada indivíduo. Para os ouvintes, pode-se estabelecer em termos orais auditivos. No entanto, para os não-ouvintes, pode-se estabelecer em termos gestuais visuais, no qual gestual, significa o conjunto de elementos linguísticos manuais, corporais e faciais necessários para a articulação dos sinais.

A língua portuguesa, assim como outras línguas orais, é estabelecida pelo canal oral auditivo. As regras da gramática dessa língua são bem detalhistas quanto à semântica, sintaxe e morfologia. Fatores linguísticos como as classes de palavras e as figuras de linguagem são marcas importantes na composição dos discursos.

Já na Língua de Sinais Brasileira o canal de comunicação é gesto-visual, sendo essa língua utilizada por um grande número de pessoas surdas, e também ouvintes que direta ou indiretamente estão relacionadas à surdez. O que é denominado palavra ou item lexical nas línguas oral-auditivas recebe nas línguas de sinais, o nome de sinal, o qual é formado a partir da combinação do movimento das mãos, com um determinado formato em um determinado lugar, podendo esse lugar ser uma parte do corpo ou um espaço em frente ao corpo.

Essa língua tem como base na formação dos sinais cinco parâmetros: configuração de mão, movimento da mão, locação da mão, orientação da mão, expressões faciais e corporais. Brito (1995) afirma que as línguas de sinais se estruturam a partir de unidades mínimas que formam unidades maiores e mais complexas, possuindo diversos níveis linguísticos: fonológico, morfológico, sintático, semântico e pragmático.

No caso dos surdos, é o olho, e não o ouvido, que tem a pretensão de ver a palavra, são as mãos, e não as cordas vocais, que a articulam. No fluxo da comunicação por signos sinalizados mescla-se com sons, movimentos articulatorios, gestos, etc, evolui com eles e é deles indissociada. Se isso

ocorre é porque essa pluralidade e entrelaçamento de modos comunicativos são imanentes da linguagem. (SOUZA, 1998, p. 49)

Os sinais, assim como as palavras têm significado de acordo com o contexto em que são utilizados, e também variam de acordo com as regiões. Para os surdos, a visualização de objetos e pessoas se estabelece por meios espaciais, nisso destaca-se a importância da reprodução da forma, do movimento de sua relação espacial; logo, a criação de sinais icônicos é um fenômeno natural o que pode ser chamado de classificadores em Língua de Sinais.

Os classificadores permitem tornar mais claro e compreensível o significado do que se quer enunciar. Em LIBRAS os classificadores descritivos “desempenham uma função descritiva podendo detalhar som, tamanho, textura, paladar, tato, cheiro, formas em geral de objetos inanimados e seres animados”. (PIMENTA e QUADROS, p.71, 2006).

3. Cultura e Identidade na Produção de Gêneros Textuais

A maioria dos estudos sobre “Identidade surda” geralmente relacionam esta ao uso da língua, a naturalidade do indivíduo surdo em se expressar em sua própria língua, já que não pode ouvir e se expressar oralmente.

O que ocorre, na verdade, é que, em contato com outro surdo que também use a língua de sinais surgem novas possibilidades interativas, de compreensão, de diálogo, de aprendizagem, que não são possíveis apenas por meio da linguagem oral. A aquisição de uma língua, e de todos os mecanismos afeitos a ela, faz com que se credite à língua de sinais a capacidade de ser a única capaz de oferecer uma identidade ao surdo. (SANTANA & BERGAMO, 2005, p.567.)

A identidade e cultura do povo surdo também é expressa por meio de suas ações cotidianas: luzes na campainha e despertadores que vibram entre outras marcas de uma cultura visual, em vez de som. Entre os aspectos observados na produção textual de surdos usuários da Língua de Sinais Brasileira é que suas fábulas, poesias e piadas refletem sua cultura de uma maneira particular ao ver os sujeitos surdos e ouvintes por uma ótica que os ouvintes nem sempre conseguem visualizar. Surdos sinalizam sobre surdos, suas vontades, seus desejos e seu próprio mundo, diferente de uma adaptação.

Os ouvintes nascem no povo ouvinte e adquirem a experiência de ouvintes. A experiência do contato com a experiência do outro diferente, com aquele outro que volta e reverbera de si com a sua pedagogia, coloca-o diante da mudança de si. Ser ouvinte é o oposto do ser surdo. Ser surdo significa simplesmente se desenrolar como o diferente, como o outro do ouvinte. (PERLIN, E QUADROS, 2006, p.169)

Isso é condizente com a identidade surda plena definida por PERLIN (1998), em que os surdos se identificam com a experiência visual propriamente dita (em outras palavras, a

língua de sinais). Esta categoria é descrita pela autora como sendo o tipo de identidade surda que cria um espaço cultural visual dentro de um espaço cultural diverso, reclamando a história e à alteridade surda. Essa identidade estaria ligada à militância pela causa surda, portanto, a sua concretização se daria no âmbito das associações.

O tipo de leitura, análise e produção por pessoas surdas sempre é voltada para prática social de linguagem, ligada a sua cultura, história e ideologia. Na poesia, essas práticas são expressas na beleza dos movimentos, num sentido de propor uma sintonia entre os movimentos e configurações de mãos. “[...] toda produção poética na língua de sinais apresenta repercussões no empoderamento do povo surdo e é uma expressão implícita do seu orgulho na sua língua.” (SUTTON- SPENCE e QUADROS, 2006, p.115. Com certeza, esse empoderamento também é expresso nas fábulas e em outros gêneros em língua de sinais, porém, de uma maneira diferente da poesia.

3.1. Fábulas em Língua de Sinais, o que dizem os surdos?

Os surdos brasileiros produzem fábulas sinalizadas, assim como outros tipos de gêneros textuais em LIBRAS. O reconhecimento da LIBRAS como língua oficial dos surdos brasileiros, impulsionou a inclusão de surdos no ensino regular e também propiciou o reconhecimento da cultura e identidade dos surdos.

A cultura surda está presente entre nós, se apresentando talvez como um desejo de reconhecimento, em que busca ‘um outro lugar e uma outra coisa’, imprimindo outras imagens e outros sentidos daqueles até então existentes ou determinados pela cultura ouvinte. (KARNOPP, 2010, p. 4)

As mídias visuais, as redes sociais e os sites de armazenamento de vídeos tem sido o principal veículo de divulgação de textos sinalizados por surdos. Deste modo, o presente artigo buscou por meio de vídeos em LIBRAS investigar sobre o que dizem os surdos ao sinalizarem as fábulas, quais os assuntos relacionados as manifestações sociais e as experiências pessoais vividas com os ouvintes.

No que diz Karnopp (2010), a fábula é um texto de ficção. As fábulas são narrativas em que os personagens são animais personificados representando histórias sobre a vida humana com o objetivo final de realizar um ensinamento através de uma lição de moral.

As duas fábulas analisadas são intituladas “*Mûs*”, e “*Ovelha em pele de cordeiro*”, sendo estas sinalizadas pelos atores surdos: Rimar Ramalho Segala e sua irmã Sueli Ramalho Segala, fundadores da Companhia de Teatro, “Arte & Silêncio”. Em *Mûs*, SEGALA, R. 2011¹ conta por meio dos sinais, a história de uma comunidade de ratos que vivia no soalho de uma casa e sempre que tentavam pegar o queijo que estava em cima da geladeira, eram apanhados pelo gato da casa. Até que um rato jovem que estava no canto do assoalho teve uma idéia: pendurar no pescoço do gato um sino e sempre que o gato estivesse por perto, os ratos saberiam.

¹ SEGALA, 2011. Vídeo c



watch?v=ouxRYyl0IOE&NR=1

Figura1. Classificador: platéia de ratos olhando para o Ratinho jovem discursando.

Colocar as imagens do olhar e da visão na fábula contada por Rimar Romano em língua de sinais fortalece o sinalizador e a platéia, mostrando sua identidade visual. Neste momento, Rimar Romano começa a descrever a cena de alegria dos ratos, inclusive que entre os ratos havia aqueles que eram cegos, surdos, intérpretes de língua de sinais e uma diversidade de ratinhos com necessidades específicas.



Figura 2: O sinal de ESPECIAL, enfatizando uma sociedade inclusiva

Ainda conforme a Fábula, SEGALA, R. (2011)² sinaliza que após todos terem dançado de alegria, um rato velho que observava a festa, faz um questionamento: quem teria coragem de colocar o sino no pescoço do gato? Mas ninguém se manifesta. E diante disso, ficar a moral: “muitos falam, mas poucos concretizam a idéia.”

Na fábula percebe-se um discurso de encorajamento pela luta por ideais. Uma sociedade que é oprimida, muitas vezes tem ideias, mas sofre por não ter coragem de colocá-las em prática. No caso dos surdos, as manifestações sociais começaram a partir de pequenos movimentos em prol da oficialização da língua de sinais, ocorridos principalmente nas associações de surdos espalhadas pelo Brasil, expandindo atualmente para a valorização da identidade e cultura dos surdos, em busca do reconhecimento de seus direitos como uma comunidade distinta e pertencente à sociedade ouvinte.

Já na fábula “Lobo em pele de Cordeiro”, a reflexão com fundo moral, mostra um rebanho de ovelhas cujo pastor identifica as ovelhas surdas e ouvintes, como mostra as figuras 3 e 4.

² SEGALA, 2011. Vídeo disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=ouxRYyI0IOE&NR=1>



Figura 3. Identificação da ovelha surda



Figura 4. Identificação da ovelha ouvinte

Segundo SEGALA, R. (2011).³, o pastor das ovelhas separa as surdas das ouvintes, então nota que junto com as ovelhas surdas, há uma ovelha que é diferente das outras, sua couraça é dura, mas mesmo assim, decide não se importar. As ovelhas surdas fogem do aprisco, e o Pastor as coloca de volta, e então sinaliza que as ovelhas surdas são problemáticas, pois dão muito trabalho. Ao ver que muitas das ovelhas surdas começam a morrer, ele decide instruir as ovelhas em língua de sinais para que ataquem juntas à ovelha estranha, conseguindo descobrir que essa é um lobo disfarçado de ovelha, que aproveita a condição das ovelhas surdas para devorar as inocentes e desprevenidas vítimas.

A moral sinalizada por SEGALA, S. (2011) é que os surdos devem ter cuidados com políticas assistencialistas impostas pela comunidade ouvinte, manifestando uma sobreposição da cultura ouvinte à cultura das comunidades surdas. Neste sentido, os surdos devem se unir numa tentativa de expulsar o lobo, que metaforicamente representa o grupo de ouvintes. Os quais por meio de olhares marginalizadores vêem os surdos como incapazes, defeituosos, desconsiderando a língua de sinais e minando as opiniões e representações sociais do povo surdo.

Notou-se ainda por meio da fábula “Lobo em pele de Cordeiro”, que a oposição de surdos e ouvintes também foi baseada na história da educação dos surdos. Ao analisar a figura do pastor das ovelhas, tem-se que esse é o protetor das ovelhas e para que o seu trabalho dê certo, o pastor primeiro separa as ovelhas surdas das ouvintes. Ao ver que as ovelhas surdas fogem do aprisco, o pastor não entende a reação das delas, e num discurso de estereótipo ele começa a indagar a teimosia das ovelhas surdas, referindo as mesmas como desobedientes e problemáticas. Esse discurso remete principalmente as situações em que os surdos são

³ SEGALA, 2011. Vídeo disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=ouxRYyI0IOE&NR=1>

incompreendidos pela sociedade ouvinte, no que tange a falta de comunicação devido a diferença de modalidade linguística dos dois grupos.

De outro modo, o pastor também pode representar no discurso os próprios familiares ouvintes dos surdos, que numa demonstração de “super proteção” dos parentes surdos, acaba por delimitar as oportunidades sociais de convívio do grupo.

No entanto, a partir do momento em que o pastor percebe que as ovelhas surdas morrem, ele as instrui em língua de sinais para atacar o Lobo. Neste sentido, entende-se toda a importância da língua de sinais como instrumento de militância, para a obtenção do sucesso e reconhecimento social.

4- O estudo da Libras para ensino de Língua Portuguesa

O estudo de Libras auxilia o ensino de língua portuguesa, pois através deste o professor poderá entender, e produzir didáticas que contemplem o mundo dos surdos através dos gêneros textuais dos próprios surdos. Conseguindo deste modo, analisar as diferenças e semelhanças das culturas surda e ouvinte, nas quais o surdo além de um conhecimento da língua portuguesa também poderá compreender a própria língua de sinais e cultura surda, que não tem acesso nas escolas, já que, as escolas inclusivas priorizam em grande maioria um acesso à cultura dos ouvintes e não dos surdos.

Esses professores dão aula no ensino fundamental, ministram aulas na rede regular de ensino, ou em turmas em que a língua de instrução é a língua de sinais, ou são professores em escolas regulares de surdos, ou, ainda, são professores da sala de recursos. Normalmente, não são professores surdos e não são falantes nativos da língua brasileira de sinais. E são estes professores que usam a língua de sinais com as crianças surdas no contexto educacional. Faz-se necessário reconhecer que a língua de sinais é uma segunda língua para eles e, portanto, requer anos de estudo e prática para ser bem compreendida e produzida. Não basta ter um vocabulário enorme de uma língua, a pessoa precisa “entrar” na língua, “viver” a língua para poder ensinar por meio dela. (QUADROS e SCHMIEDT, 2006, p.9)

A proposta deste trabalho foi relacionar os conhecimentos da língua de sinais com os aspectos da língua portuguesa para então se propor estratégias no ensino de português como segunda língua. Todo foco discursivo da Libras, como já apresentado no texto de Rimar Segala, apresenta aspectos culturais e identitários da comunidade surda. O autor e ator conta por meio dos sinais fatos que dizem respeito à sua vivência em quanto surdo, através do gênero fábula, destacando, no entanto, a moral que vemos nas fábulas de língua oral.

Neste sentido, o ensino por meio de gêneros em Libras, ressalta uma interação entre a cultura surda e a cultura ouvinte, uma proposta igualitária de se reconhecer os surdos como uma comunidade distinta inserida na sociedade ouvinte, porém com a mesmo direito de produção textual em sua língua nativa (LIBRAS).

5. Conclusão

Todavia, esta proposta buscou demonstrar que os surdos lêem mundo meio do olhar, e através deste olhar recriam um universo de imagens que aborda suas vivências no mundo dos ouvintes. Há de se ressaltar que diferente do sentido de *deficiência* que se quer imprimir ao povo surdo, representando-o por uma história marcada pelo corpo danificado, há uma história contada por esse povo que traz as marcas do movimento e da resistência a essas representações estereotipadas

Em diferentes contextos emergem inúmeras situações de conflito e de poder, que acabam por deflagrar políticas inadequadas em relação às rotuladas minorias sociais. Portanto, é necessário, para a transformação da realidade de exclusão social dos surdos, compreender o processo que conduz as diretrizes e modelos, cujas formas refletem um subjulgamento das alteridades.

Os estudos da língua de sinais ainda são recentes, porém, os usuários dessa língua, em grande maioria surdos, contam e recontam histórias a partir visões modificadas das realidades vivenciadas durante anos de exclusão. Uma história que não é diferente, dos diversos grupos minoritários que sofreram e ainda sofrem com o preconceito social e linguísticos. Surdos, cegos, índios, entre outros são classes minoritárias que tem se expandido através da luta por seus direitos sociolinguísticos dentro das sociedades majoritárias.

6. Referências

BRITO, Lucinda Ferreira. *Por uma gramática da língua de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro. 1995.

GOLDFELD, Márcia. *A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista*. 3.ed. São Paulo:Plexus, 2002.p.29.

KARNOPP, Lodenir. *Literatura Surda*. Florianópolis: Centro de Comunicação e Expressão. UFSC,2010, 40p.

PERLIN, Gladis. Identidades surdas. In: SKLIAR, Carlos (org.). *Um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Meditação, 1998, p. 51 – 73.

QUADROS, Ronice M. SCHMIEDT, Magali L. P. *Ideias para ensinar português para alunos surdos*. Brasília: MEC, SEESP, 2006.

_____. PIMENTA, Nelson. *Curso de Libras I*. Rio de Janeiro: LIBRAS Vídeo, 2006.

_____. PERLIN, Gladis. de. Ouvinte: o outro do ser surdo. In: _____(org.) *Estudos surdos I*. – Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2006, p165-184.

_____.SUTTON- SPENCER, Rachel. de. Poesia em língua de sinais: traços da identidade surda. In: _____(org.) *Estudos surdos I*. – Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2006, p165-184.

SANTANA, Ana. Paula. BERGAMO, Alexandre. *Cultura e Identidade Surdas: Encruzilhada De Lutas Sociais e Teóricas. Educação e. Sociedade*, Campinas, vol. 26, n. 91, p. 565-582, Maio/Ago. 2005

SAUSSURE, Ferdinand. de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1991.

SEGALA. Rimar. SEGALA, Sueli. *Mús.* Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=ouxRYyl0IOE&feature=related>> acesso em 06 de ago. 2011

SEGALA. Rimar. SEGALA, Sueli. *Lobo em pele de Cordeiro.* Disponível em <http://www.youtube.com/user/Rimar01?blend=1&ob=5#p/u/0/tOzvLpOceEI> acesso em 06 de ago.2011

SOUZA, Regina Maria de. *Que palavra te falta? Linguística, educação: considerações epistemológicas a partir da surdez.* São Paulo: Martins Fontes, 1998.